A evolução da cultura médica: a Revista de Neurologia e Psiquiatria (1888-1889)

Autor(es): Pereira, José Morgado

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/36590>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_8_24

Accessed : 26-Apr-2023 11:03:21

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

cultura: imagens e representações

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 8 . 2008

A Evolução da Cultura Médica **A Revista de Neurologia e Psiquiatria (1888-1889)**

José Morgado Pereira

José Morgado Pereira. Chefe de Serviço de Psiquiatria do Hospital Sobral Cid, Assistente Convidado da Faculdade de Medicina da UC e Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

Em 1888 é publicada em Lisboa a Revista de Neurologia e Psiquiatria sob a direcção de Bettencourt Rodrigues (1854-1933). Sairão apenas dois números em 1888 e outros dois em 1889, mas a sua importância e significado são de realçar, numa altura de escasso conhecimento destas especialidades, então muito unidas e ainda sem ensino oficial, em que os trabalhos versando estes temas eram publicados em Revistas Médicas gerais, como o Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa ou a Medicina Contemporânea.

O primeiro número de 1888 abre significativamente com um trabalho um pouco à margem dos temas centrais da revista “Movimentos pupilares, post mortem” da autoria de Sousa Martins (1843-1897), nessa altura um mestre incontestado de toda uma geração de médicos.¹

O artigo seguinte é de Júlio de Matos (1856-1922) com “Responsabilidade criminal dos alienados”, trabalho escrito sob a égide de Herbert Spencer e de uma Moral evolucionista. De acordo com uma antropologia criminal assente em bases positivas, valoriza o papel do médico na análise do alienado criminoso, que os juízes não teriam condições para efectuar.

Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), pedagogo, etnólogo, linguista, escreve sobre “Notas físió-psicológicas sobre a linguagem”. Discute a tese de Gilbert Ballet “Le langage intérieur et les diverses formes de l’aphasie” de 1886 aplaudindo a sua “*abertura à observação interior*” que os positivistas Comtianos quizeram desacreditar, mas considerando insuficientes os seus conhecimentos psicológicos, como o dos médicos franceses em geral quando se ocupam de psicologia, e defendendo a necessidade de correlacionar factos fisiológicos e patológicos com os factos psicológicos e das ciências da linguagem.

Bettencourt Rodrigues publica “Curso livre de Neuropatologia e Psiquiatria”, que é a lição de abertura do segundo curso proferida no Hospital de Rilhafolles. Faz um resumo do primeiro curso (1887) onde desenvolveu o tema da alienação mental desde Pinel até ao presente, desenvolvendo depois as suas principais formas clínicas, com apresentação de doentes, para depois dizer que nesse ano de 1888, começará o curso pelo estudo das localizações cerebrais, enumerando depois os diversos estados patológicos do encéfalo. Enfatiza sempre a falta de ensino oficial da Psiquiatria e Neurologia nas nossas escolas de medicina, e homenageia os princípios e doutrinas das escolas onde fez a sua educação científica em Paris “...*que tanto têm contribuído para os progressos da psiquiatria e da neuropatologia...*”.²

Magalhães Lemos (1855-1931) com “A Electroterapia em Psiquiatria” publica um curioso trabalho onde depois de citar o *Traité d’Electrothérapie* de Erb, considera o valor da electroterapia no tratamento das psicoses e das neuroses, descrevendo depois a aplicação, em dois casos clínicos, de melancolia e acesso maníaco-melancólico, de correntes farádicas (faradisação cerebral, simpático-cervical, parte superior da medula e pele) com excelentes resultados.

¹ Basta a leitura de vários depoimentos contidos no “In Memoriam” para o constatar. Também Bettencourt Rodrigues lhe presta homenagem em “Medicina e Médicos”, lembrando as suas extraordinárias lições.

² Bettencourt Rodrigues faz a licenciatura em Medicina na Faculdade de Medicina de Paris e trabalha com Charcot (1825/93), C. Bouchard (1837/15), seus principais mestres, e ainda com B. Ball (1833/93).

Alfredo Luís Lopes (1853-1937), médico, professor e criminologista com “Febre intermitente de origem nervosa”, discute a existência de febre histérica.

Segue-se noticiário sobre Sociedades Científicas, congressos, casos clínicos, revisão de jornais e revistas inglesas e francesas da especialidade, feitas por Bettencourt Ferreira, Júlio de Matos e Bettencourt Rodrigues.

Mais importante é a notícia de um projecto de lei para a criação de uma cadeira de Neuropatologia e Psiquiatria na Escola Médica de Lisboa, onde é feita referência elogiosa ao discípulo da escola de Salpêtrière e ex-aluno da Faculdade de Paris, assinada por Augusto Fuschini, Consiglieri Pedroso, Mattoso dos Santos e Jacinto Cândido.

No noticiário é referida a saída de um livro de Júlio de Matos e há uma curiosa referência a Magalhães Lemos a propósito do seu concurso para professor, que quando interno na clínica de doenças mentais em Paris, todos os dias se encontrava no mesmo hospital – Sainte-Anne – com Bettencourt Rodrigues.

No Noticiário é referido a propósito do tema Hipnotismo, a condenação pelo Tribunal de Carlsruhe de indivíduo que sem ser médico se entregava à prática de hipnotismo, acrescentando-se que seria conveniente que entre nós se procedesse da mesma forma, pois “...os magnetizadores abundam em Lisboa”.

Também se informa que foi encarregado do serviço de alienados e neuróticos da Casa de Saúde Lisbonense o Dr. Bettencourt Rodrigues, que ali iria montar um Instituto Hidroterápico, cuja falta se fazia sentir em Lisboa.

O segundo número de 1888 abre com um trabalho de Charles Féré (1852-1907), médico de Bicêtre.³ Publica o trabalho “Les douleurs hystériques et la simulation”, servindo-se dos seus próprios trabalhos, do “Traité Clinique et Therapeutique sur L’hystérie” (1859) de Briquet e da obra de Charcot.

António d’Azevedo Castelo Branco (1842-1916), jurista, político e criminologista, na altura sub-director da Penitenciária Central de Lisboa, publica “A Antropologia Criminal”, em que defende que o “...Direito Penal deve ficar embebido das doutrinas positivas...”, e então a “...antropologia criminal exercerá o seu domínio na instrução dos processos-crime e na determinação da forma de repressão do delito mais consentânea com os interesses da sociedade...”. A influência de Lombroso é salientada, discordando o autor de Charles Féré que no livro “Dégenerescence et Criminalité” rebate teses de Lombroso quanto à origem atávica do crime.

Júlio de Matos escreve depois sobre “A motivação e premeditação dos actos dos epilêpticos”, passando em revista os trabalhos de Legrand du Saulle, Lasegue, Falret e Maudsley. Embora concordando no essencial com estes autores, Júlio de Matos procura mostrar com exemplos tirados da clínica que a ausência de motivo, tal como a ausência de premeditação, “...não são sinais constantes dos actos praticados sob a influência da epilepsia”.

Ferreira Deusdado (1857-1918), pedagogo, cuja obra reflecte ampla formação em filosofia, antropologia e psicologia, e também criminologista, com o trabalho “Da existência psíquica do mundo exterior” critica o “fenomenismo” em nome do neo-criticismo. Apoiando-se na “História do Materialismo” de Lange, aproxima-se mais

³ Charles Féré foi interno de Broca e de Bouchard, e chefe de laboratório de Charcot.

do idealismo através do criticismo neo-Kantiano, embora não esqueça “...*que a experiência fornece a matéria da lei de todo o conhecimento, sem também por um momento desconhecer que o mundo físico fornece a forma, que está indissolivelmente subordinada às categorias do possível e do real*”.

Bettencourt Rodrigues com “A Hemiplegia Histórica, sintomatologia e diagnóstico”, apoia-se em Briquet e no seu livro já referido de 1859, em Charcot e outros clínicos da Salpêtrière, procurando diferenciar estes casos, dos quadros orgânicos.

O médico Cupertino Ribeiro publica “Um Caso de Cardiopatia Histórica”.

Seguem-se Revisões de jornais e revistas, sendo os italianos analisados por Júlio de Matos e os franceses por Bettencourt Ferreira (1866-1936). Júlio de Matos mostra-se especialmente interessado no “*Archivio di Psichiatria, scienze penali ed antropologia criminale*”, dirigido por Lombroso, Garofalo, Morselli e Ferri.

De salientar a publicação de “Organização de Serviços de Alienados” de J. Luciano de Castro, Presidente do Conselho de Ministros. A proposta de lei visava a criação de Hospitais de Alienados em Lisboa, Coimbra, Ilha de S. Miguel, um Asilo no Porto, Enfermarias anexas às penitenciárias centrais e a criação dum “Fundo de Beneficência Pública dos Alienados”.

Segue-se um documento importante, dirigido pelo conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa ao Sr. Ministro do Reino em que se considera que a proposta do curso de Psiquiatria indigitava para Professor pessoa em que não se reunia um conjunto de predicados considerados indispensáveis para o cargo, aliás sendo pessoa alheia à Escola.⁴ Apenas é reconhecido como estando à altura desse cargo António Maria de Sena.

Em 1889, saem também 2 números (2ª série), aparecendo agora no cabeçalho como secretário de direcção J. Bettencourt Ferreira. Diga-se desde já que esta 2ª série é francamente menos rica que a primeira, com menos trabalhos e originais e muito mais noticiário crítico, bibliográfico e sobre congressos e sociedades científicas. Assim, Bettencourt Rodrigues publica “Acidentes histeriformes determinados por um raio à distância” e Bettencourt Ferreira “Perturbações mentais produzidas pelo gás oxicarbonico”. Seguem-se críticas de livros por Júlio de Matos⁵ e Bettencourt Rodrigues e depois notícias de congressos e sociedades científicas. Na página final, surge informação que o nº de páginas em vez de 100-120 vai ser reduzida a 64 por volume, porque “...*a pouca actividade do nosso meio científico, o nº limitadíssimo de médicos que entre nós se ocupam da especialidade e a indiferença do público, por publicações desta ordem, não nos permitem dar a esta nossa revista um maior desenvolvimento*”.

O último número, nº 2/2ª série de 1889, abre com “Um caso clínico de delírio crónico”, por Magalhães Lemos, que comenta e descreve o conceito de delírio crónico de Magnan, autor de quem foi discípulo e com quem trabalhou em França. Cupertino Ribeiro publica “Histeria, Doença de Basedow”, caso clínico tratado com electroterapia prescrita por Charcot, e depois continuada em Lisboa, com a colaboração do médico

⁴ O visado é Bettencourt Rodrigues que há dois anos regia o curso livre de Patologia Mental e Nervosa no H. de Rilhafoles.

⁵ Nesta crítica aponta o livre arbítrio como o inimigo e faz a apologia da doutrina determinista como indispensável para o êxito de qualquer doutrina séria nos domínios da Psicologia e das Ciências Sociais.

Virgílio Machado, experiente nestas terapêuticas. Finalmente um caso de “Miopatia progressiva primitiva” por Bettencourt Rodrigues. Seguem-se informações das Sociedades Científicas, notícia de um congresso de Antropologia Criminal de 1889, em que Bettencourt Ferreira valoriza muito os trabalhos de Ferri e Garofalo. Uma nota curiosa é “A microcéfala Benvinda”, em que Bettencourt Rodrigues historia este caso, que Miguel Bombarda já analisara em 1877 e que depois detalhará no livro “Contribuição para o estudo dos Microcéfalos” de 1894.

Este número termina com a transcrição do novo programa do curso de Anatomia Descritiva regido por José António Serrano, dos capítulos relativos ao ensino da Neurologia.

Terminou assim esta revista que tentou actualizar a cultura médica existente em Portugal, trazendo a Psiquiatria e a Neurologia para um maior conhecimento dos médicos e da opinião pública, procurando actualizar conhecimentos e fazendo a difusão de certos autores dos principais países da Europa e das suas obras.

Percebe-se o peso das filosofias naturalistas, o interesse pela histeria, e pelas obras de Krafft-Ebing, Lombroso, Magnan e Charcot, ou o interesse pelas relações entre Doença Mental e Crime. Sente-se também a importância dada, além dos alienistas, a autores que representavam ciências que se considerava deverem convergir com a Psiquiatria e a Neuropatologia tais como a Biologia, a Psicologia, a Pedagogia, a Antropologia e a Criminologia. Os esforços para a institucionalização da Psiquiatria tinham começado, o atraso do seu ensino era denunciado e os esforços para a difusão de novos saberes científicos iriam acentuar-se.

Bettencourt Rodrigues não conseguirá organizar o curso de Neuropatologia e Psiquiatria na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e também não conseguirá mais tarde ser nomeado director do hospital de Rilhafoles, acabando por emigrar para o Brasil. Alguns dos obstáculos que enfrentou já são evidentes nas páginas da revista. Só depois da implantação da República surgirá o ensino oficial destas matérias.

Fica o pioneirismo de Bettencourt Rodrigues no ensino livre que levou a cabo entre 1887/89 e da revista que dirigiu que merece sem dúvida ser relembrada.

Fontes

Revista de Neurologia e Psiquiatria-1888-1889

BIBLIOGRAFIA

BETTENCOURT, Rodrigues – *Medicina e Médicos*. Lisboa: 1922.

FERNANDES, Barahona – Bettencourt Rodrigues. “O Psiquiatra e a sua obra”. *Jornal do Medico*, 28, n.º 665/1955.

FERNANDES, Barahona – *A Psiquiatria em Portugal*. Lisboa: 1984.

PINTO, Francisco – “Contribuição para a história das ciências neurológicas em Portugal”. *Boletim da S.P.N.* n.º 7/1995.

MARTINS, Sousa – *In Memoriam*. Lisboa: 1904.